



Isabel Amaral
Presidente da APEP-Associação Portuguesa de Estudos de Protocolo



Protocolo e Gestão de Eventos: situação e perspectivas

Quando, em Fevereiro de 1997, publiquei a primeira das sete edições de “Imagem e Sucesso”, o primeiro livro que escrevi, não pude incluir, na bibliografia, nenhum autor português que tivesse escrito sobre protocolo empresarial – pela simples e boa razão de que, até essa altura, ninguém o tinha feito.

Não digo isto para me vangloriar, mas para ilustrar uma situação de carência e défice que, apesar de alguns progressos verificados na última década, continua ainda distante do que seria necessário. O ensino e a formação profissional no domínio do Protocolo Empresarial demoraram mais tempo a ser implementados – e ainda não alcançaram o reconhecimento e o desenvolvimento que se impunham.

Por outro lado, a procura de especialistas em protocolo por parte das empresas ainda não atingiu a dimensão desejável – como se os empresários portugueses ainda não tivessem compreendido o contributo decisivo que o Protocolo pode dar para que eles atinjam os seus objectivos, nomeadamente em termos de produtividade.

Isso não impediu evidentemente, não tem impedido, que as principais empresas portuguesas aderissem à organiza-

ção de grandes eventos, cientes de que estes lhes podem assegurar o prestígio e a rentabilidade que procuram. E também não obstou a que essas empresas começassem a preocupar-se em contar a tempo inteiro com um gestor de eventos nos seus quadros profissionais.

Conhecedor da estratégia definida superiormente pela administração da empresa ou do grupo, esse gestor é o responsável pela programação, concepção e organização dos eventos. Cabe-lhe programar e calendarizar os vários eventos, elaborando um plano coerente. Cabe-lhe depois conceber cada evento, contratar os serviços necessários à sua produção, angariar os apoios e patrocínios que se revelem necessários, tratar da sua promoção nos media, assegurar, enfim, a sua integral realização.

Assim, o gestor de eventos é um grande mestre de cerimónias, um verdadeiro chefe de Protocolo, com competências e atribuições acrescidas, em áreas onde um chefe de Protocolo não é habitualmente chamado a intervir como são as da promoção e cobertura mediática do evento ou até o seu financiamento.

Se estivéssemos no cinema, este gestor de eventos seria, ao mesmo tempo, o programador da sala e o pro-



ditor e realizador de cada um dos filmes que nela são exibidos. Esta imagem talvez ajude a perceber melhor a vastidão das competências e atribuições do gestor de eventos.

Mas, como é evidente, ao gestor de eventos não é humana nem tecnicamente possível assumir, sozinho, todas essas responsabilidades – pelo que precisa de recorrer a fornecimentos e serviços de terceiros. E como, regra geral, o gestor de eventos não é (ou ainda não é) um profissional do Protocolo, torna-se absolutamente indispensável recorrer aos serviços de peritos em questões de protocolo e cerimonial.

Este serviço de consultadoria protocolar consiste em fornecer uma espécie de «rede» para eventos em que os riscos de «cair do trampolim» são grandes e têm de ser prevenidos.

Essa consultadoria começa no momento em que o evento se desenha e apenas termina quando o último convidado deixa a sala. Acompanhando o texto do convite, controlando a actualização das mailing lists, ajudando na elaboração do programa e de todo o material gráfico, fazendo o desenho dos palcos, estabelecendo os planos de mesa e de sala, analisando ou elaborando o guião do evento, definindo a distribuição de assistentes, colaborando na acreditação dos participantes e na recepção de autoridades, tomando parte activa na indicação do lugar aos convidados, na escolha das ementas, na de-

finição do momento da entrega de lembranças, etc. É de crer que, no próximo futuro, se verifique um aumento da procura dos serviços de consultadoria no domínio do protocolo e, nomeadamente, do protocolo empresarial. Se for esse o caso, é evidente a necessidade de rever a formação desses profissionais, de modo a que possam dar resposta pronta e eficiente às novas necessidades. E isso poderá passar pela introdução de maior rigor e exigência no ensino e na formação profissional.

Há por outro lado que criar e dinamizar instâncias de reflexão, debate e intercâmbio de experiências, onde profissionais já habilitados e experimentados possam aprofundar os seus conhecimentos e aperfeiçoar as suas práticas. É esse aliás o fundamental propósito da Associação Portuguesa de Estudos de Protocolo, a que me honro de presidir. Com ela, não queremos formar profissionais; ambicionamos, isso sim, contribuir para melhorar a qualidade dos profissionais já existentes. E desejamos suscitar o estudo e a investigação das matérias relacionadas com o protocolo e o cerimonial. Há, neste domínio, um vasto campo de possibilidades e necessidades.

O Protocolo é uma disciplina que merece estudo; é também uma profissão que merece respeito; e é ainda um negócio que merece sucesso. Mas, para isso, torna-se indispensável melhor ensino e mais formação profissional, mais investigação, mais reflexão e mais debate. **F&E**